

# CONSTRUINDO NARRATIVAS E SENTIDOS NA PRÁTICA DOCENTE DA EDUCAÇÃO INFANTIL

## BUILDING NARRATIVES AND SENSES ON TEACHING PRACTICE OF EARLY CHILDHOOD EDUCATION

*Adâni Corrêa<sup>1</sup>*

**RESUMO:** O presente artigo apresenta reflexões sobre a prática docente da Educação Infantil, partindo de uma pesquisa realizada com um grupo de profissionais de uma escola situada em Ivoti. O enfoque dado se baseia nos registros dos professores, que foram sistematizados em portfólios individuais, e em como estes produziram narrativas e puderam ressignificar, assim, sua prática docente. A pesquisa utilizou a metáfora do trabalho da coordenadora pedagógica como o de uma semeadora, cultivando sementes e almejando uma boa colheita.

**Palavras-chave:** Prática docente. Reflexão. Portfólio. Educação Infantil.

**ABSTRACT:** This paper presents reflections on the teaching practice of early childhood education, using a survey applied to a group of professionals in a school located in Ivoti. The focus was on the records of teachers, which were organized in individual portfolios, and how they produced narratives and could thus reframe their teaching practice. The research used the metaphor of the educational coordinator as a cultivator planting seeds and expecting a good harvest.

**Keywords:** Teaching practice. Reflection. Portfolio. Early Childhood Education.

### 1 INTRODUÇÃO

Ao se pensar em prática reflexiva – tema bastante em voga atualmente –, surgiu a ideia de discorrer como isso pode ser feito também com profissionais da Educação Infantil.

A pesquisa teve como enfoque propiciar momentos de reflexão sobre a prática pedagógica de um grupo de professoras de uma das escolas municipais de Educação Infantil de Ivoti, com o intuito de sistematizar essas reflexões através de portfólios individuais de cada profissional. Dessa forma, por meio da reflexão, tentou-se produzir narrativas com tais educadores, atribuindo, assim, outros sentidos ao seu fazer pedagógico.

Desse modo, a pesquisa visou a oportunizar momentos de escuta e de reflexão sobre a prática de tais

professores, tentando compreender o porquê da dificuldade que muitos desses profissionais têm para realizar registros de seu fazer pedagógico ou até mesmo das reuniões semanais. Além disso, tentamos verificar e analisar a importância de tais registros e intervenções que foram feitas pela coordenadora/pesquisadora, no sentido de mediar essas relações, provocando mudanças e tentando perceber como elas ecoam no ambiente de trabalho.

Dessa forma, os educadores passaram a registrar sua própria história, sendo os autores de suas narrativas, construindo e atribuindo, assim, sentidos às suas reflexões; para que isso fosse feito, foram realizadas, durante as reuniões pedagógicas, diversas atividades com os profissionais que estimulassem a reflexão sobre sua prática.

---

<sup>1</sup> Mestre em Teoria da Literatura (PUC/RS), professora da Rede Municipl de Ivoti. E-mail: adanicorrea@yahoo.com.br.

O trabalho, baseando-se nos itens já explicitados acima, tentou responder à seguinte questão norteadora: Quais são as possibilidades de proporcionar ressignificação da prática docente de professores da Educação Infantil, através de narrativas reflexivas e da escuta sensível de sua atuação?

## 2 A ESCOLA COMO UMA COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM

*Eu não sou você  
Você não é eu  
Mas sei muito de mim  
Vivendo com você.  
E você, sabe muito de você vivendo comigo?*  
Madalena Freire

Pensarmos a escola como uma comunidade que aprende é algo que nos motiva e nos inquieta. Dá-nos motivação no sentido de fazer com que todos os que participam do processo sintam-se coautores dele e responsáveis pelo sucesso e pelo aumento da qualidade em nossas escolas. Inquieta-nos no que tange a esse processo contínuo, constante e desafiador que é nosso ambiente escolar e em quanto temos que, enquanto equipe, situar nossos docentes como protagonistas de seu trabalho. Conforme se afirma em Mizukami et al. (2002), uma pessoa aprende um conjunto particular de conhecimentos e habilidades, assim como a situação na qual ela aprende, tornam-se parte fundamental naquilo que é aprendido. Dessa forma, a autora ainda destaca que: “a aprendizagem, pois, não consiste em fenômeno unidirecional: a comunidade também aprende a partir das ideias e das formas de pensar que os membros trazem consigo” (MIZUKAMI et al., 2002, p. 94).

Assim, percebemos o quanto se torna importante que tenhamos espaços de encontros, de trocas, de novas descobertas, para que os profissionais possam falar sobre seus conflitos, proporcionando-lhes momentos de escuta e, também, para que possam compartilhar sobre seu processo de aprendizagem como professor e como os alunos aprendem. Tudo isso faz com que cada vez mais a escola se fortaleça como instituição, como uma comunidade que pesquisa, que se preocupa com seus processos e que procura, junto com seus membros, qualificar cada vez mais a prática.

Esses momentos compartilhados com os outros profissionais do grupo produzem aprendizagens significativas e fazem com que as relações interpessoais se fortaleçam e um colega possa conhecer o outro, saber o

que pensa, o que sente e como fazer para ajudá-lo e que possam, sim, crescer juntos, fortalecendo os vínculos e produzindo novas aprendizagens. A pergunta de Madalena Freire, utilizada como epígrafe, instiga-nos à reflexão: o quanto me conheço convivendo com o outro e o quanto o outro se conhece ainda mais permanecendo ao meu lado? E o quanto a escola torna-se esse espaço de troca, de experiências, de (auto)conhecimento, de olhar para o outro, de lidar com sentimentos e de lidar com pessoas – enfim, de pesquisa diante do que se observa, descobre-se e diante das perguntas que nos movem.

Nesse sentido, destaca Alarcão (2004, p. 85) que “a escola é uma organização simultaneamente aprendente e qualificante”. Por estar em constante aprendizado, percebemos a importância de se ter registros dos processos que nela ocorrem. Tais registros qualificam o trabalho coletivo, através da sistematização das reflexões e da memória de uma caminhada (individual, do grupo e também da instituição). Assim, surgiu a ideia de se trabalhar com portfólios.

## 3 PORTFÓLIOS: PELAS NARRATIVAS, PRODUZINDO SENTIDOS

Ao pensarmos na necessidade de registrar e fazer com que a escrita assuma um papel importante em nossa prática pedagógica, não somente como um espaço de silêncio, para (re)lembrar o que passou, mas de descobrirmos juntos novas maneiras de pensar e de sentir a realidade, cabe aqui uma reflexão sobre a forma de documentar tais registros. O uso dos portfólios com os alunos é uma prática adotada na escola em que foi realizada a pesquisa, como uma forma de documentar o desenvolvimento das crianças e as experiências mais significativas delas.

Ao escrevermos a história da criança no decorrer do ano letivo, estamos juntos elaborando as nossas narrativas enquanto educadores também. Não só a trajetória daquele aluno, mas também daquele profissional que estava com ele, naquele momento, atuando com aquela turma de crianças: suas descobertas, aprendizagens, novas experiências. A documentação do que é feito no espaço escolar fundamenta e reforça a prática do professor, transformando a visão dos familiares de que há um espaço educativo, de que a criança é vista como um aluno em uma comunidade de aprendizagem valoriza o que é feito, dando mais credibilidade e confiança no processo.

Nesse sentido, partindo da experiência vivida e do gosto despertado nos professores, a temática dos portfó-

lios foi revisitada nessa pesquisa, dando-se um enfoque ao trabalho do educador, que foi a peça-chave para a elaboração de seu próprio portfólio. A ideia era de que cada profissional criasse um portfólio das atividades realizadas em algumas reuniões pedagógicas, com o intuito de refletir sobre sua prática e ir documentando essas reflexões, sendo o portfólio, como nos afirma Zabalza (2004, p. 29), “uma reflexão sobre o objeto narrado e sobre si mesmo, sobre o narrador (o indivíduo como ator e, portanto, como protagonista dos fatos descritos, e como pessoa, capaz de sentir e sentir-se, de ter emoções, desejos, intenções, etc.)”.

Cecília Warschauer (1993, p. 61) ressalta a importância de registrar, deixar marcas, “marcas que tratam uma história vivida”. Dessa forma, registrar a própria prática pode ser visto como um rico instrumento de trabalho para o educador que busca reconstruir os conhecimentos junto com os alunos, “porque o retrato do vivido proporciona condições especiais para o ato de refletir” (WARSCHAUER, 1993, p. 61). A autora destaca ainda que

A reflexão não é uma condição da ação, pois é possível agir sem refletir. Para agir, só pensamos no que fazemos no momento. Já a reflexão é um pensamento em segundo grau, pois o homem repensa o que fez (WARSCHAUER, 1993, p. 35).

Distanciar-se do que viveu permite ao educador mudar a ação, tornando-se, assim, sujeito do que faz. Além disso, a reflexão pode ser vista como um instrumento de autoconhecimento, para que o professor conheça melhor a si mesmo e possa pensar em suas intervenções em um movimento de constante crítica de sua ação, “auxiliando na aquisição de objetividade e da consciência das próprias responsabilidades” (WARSCHAUER, 1993, p. 35). O ato de registrar, conforme afirma Warschauer (1993, p. 62), como um artesanato intelectual feito ao longo do processo, “ajuda a construir a memória compreensiva, que é diferente daquela repetitiva e mecânica”. Ela não é só uma recordação do aprendido, mas um ponto de partida para realizar novas aprendizagens. O registro nos auxilia a guardar a memória dos fatos e possibilita também a consulta quando nos esquecemos deles. E o planejamento, sabemos, é essencial para o educador que organiza suas aulas, para a equipe que compõe a escola, bem como para o coordenador que necessita traçar metas e planejar suas ações. O planejamento agora se foca nas reuniões pedagógicas e em como trabalharmos registros e reflexões sobre elas...

#### 4 LEITURAS E RELEITURAS DOS REGISTROS: REGANDO AS SEMENTES EM BUSCA DE NOVAS COLHEITAS

O grupo com que foi feita a pesquisa trabalha em escolas de Educação Infantil da rede municipal de Ivoti número total de funcionários da instituição era de aproximadamente 65. Participavam da reunião semanal, todas as terças-feiras à noite, cerca de 35 profissionais, para os quais foi feito o convite de elaborar um portfólio reflexivo. Apenas 12 professores aderiram à nova ideia, realizando as atividades desenvolvidas durante as reuniões para, então, organizar seu portfólio.

O restante dos profissionais realizava as atividades propostas com todo o grupo, mas apenas as entregava; não coletava e organizava no portfólio, como os outros faziam. Pensamos, em um primeiro momento, que 12 portfólios era um número pequeno, mas significativo. Um total de 11 atividades foram realizadas ao longo do primeiro semestre, entre os meses de fevereiro e julho. A maioria das produções foram feitas durante as reuniões pedagógicas, na escola.

As atividades envolviam temáticas variadas, sobre a vida profissional dos participantes, suas escolhas, lembranças da infância, reflexões sobre a criança e também sobre “o ser educador”... Observamos a dificuldade que muitos profissionais tinham em escrever. Esse foi um dos motivos para que a pesquisa também se desenvolvesse: a dificuldade que muitos professores apresentavam em registrar, seja um memorial de uma reunião, um relatório de avaliação dos alunos, um bilhete mais elaborado às famílias, etc. Desse modo, percebeu-se uma necessidade de tornar a escrita mais próxima do cotidiano escolar (não somente nos planos de aula, em que se faz de forma automática), mas como um momento de registro, de reflexão sobre a prática e até de autoconhecimento.

Os portfólios dos profissionais foram recolhidos no mês de julho, e a análise dos registros deu-se da seguinte forma, pensando em critérios claros e definidos, como participação, criatividade, tempo de escrita, presença de indagações, fidelidade ao tema, referência ao conteúdo anterior, uso de citações, relação com a prática: duas tabelas foram elaboradas para que se pudesse fazer uma análise mais criteriosa dos registros dos profissionais. Cada uma das 12 professoras foi nomeada por uma cor, para preservarmos seu nome na pesquisa.

Os critérios foram definidos pensando nas propostas elaboradas e em como perceber, através dos registros, se houve reflexão sobre a prática. Como nos diz

Oliveira (2010, p. 26), a reflexão-na-prática auxilia a organizar o conhecimento cotidiano e, por meio do registro, permite trocas com o outro e uma reflexão também consigo mesmo. Ao analisarmos, desde a capa do portfólio, os primeiros registros e a extensão deles, a presença de citações de outros autores, o desenrolar dos textos dentro das propostas solicitadas, se o professor ficou limitado somente à proposta ou se foi além do que lhe foi pedido; poderia nos dizer muito desse profissional, através de seu relato, como também se foi válida a proposta de possibilitar tal reflexão.

As atividades foram elaboradas, com o auxílio da orientadora dessa pesquisa, pensando em se trabalhar com o profissional da Educação Infantil e fazendo-o refletir sobre sua prática. As atividades propostas foram diferenciadas, mas havia um fio condutor entre elas e uma se relacionava com a outra de alguma maneira. A preocupação era observar a progressão reflexiva nos registros: seriam apenas relatos ou, aos poucos, os relatos recebiam cunho mais reflexivo? As reflexões giraram em torno de se pensar por que escolhi ser um profissional da Educação Infantil, entender um pouco como aprendemos e como a criança aprende, ponderar sobre a importância da família no processo de aprendizagem e de se fortalecer essa parceria. Além disso, optamos também em refletir sobre as escolhas que fizemos (*O que queria ser quando crescesse?*), instigando-se a reflexão e, a partir disso, pensando no final de sua vida, aos 80 anos, e em que filme gostaria que passasse e, inclusive, um título e uma sinopse para ele.

Ao pensarmos nesse percurso do primeiro semestre, percebemos que os profissionais gostaram de realizar as atividades que lhes foram propostas, pois elas fugiram do simples relato, do registro pelo mero registro, estabeleceram relações com outras áreas do conhecimento e permitiram que a escrita fizesse parte de suas atividades do cotidiano de uma maneira mais intensa.

Desse modo, percebemos, em alguns relatos, que as atividades foram significativas. As professoras expressavam comentários, em meio às atividades, de que esses momentos de “parada” eram muito importantes em nosso dia a dia e pensar/refletir sobre o que fizemos é essencial para aprimorar cada vez mais a nossa prática. E, pelo registro, puderam expressar o que estavam sentindo, suas angústias, suas vontades. Conforme enfatiza Placco (2006, p. 27):

Recuperar o passado por meio da escrita requer um exercício presente e intencional de registrar hoje o vivido e o pensado. Essa intencionalidade de registrar e escrever para não esquecer implica

uma organização do pensamento e um comprometimento com a formalização de desejos, expectativas e experiências, que fornecem elementos para continuidade da história.

Desse modo, os relatos fizeram com que o momento não fosse esquecido, fosse descrito, refletido e registrado, a fim de que não ficasse apenas na memória, para que, posteriormente, essa experiência pudesse um dia ser revisitada.

## 5 SEMENTES DO DIÁRIO DE UMA PESQUISADORA

Podemos dizer aqui que a colheita faz parte do processo; no entanto, o movimento de semear e cultivar as sementes é a parte, podemos destacar, mais importante nesse percurso. Vemos a tarefa da coordenação pedagógica na escola como uma obra, conforme Cortella (2012), que merece ser cuidada, projetada, “lapidada”, para que possamos nos ver nela, para que seja parte do que penso e daquilo em que acredito.

Pensamos na coordenadora como uma semeadora, que, em seu trabalho constante e diário, possa ter esse olhar atento ao grupo, promover momentos de escuta e de reflexão, que possa suscitar no educador o desejo da pesquisa, que tenha sensibilidade, torne-se um parceiro que caminha ao lado do professor, que lhe auxilie no que for necessário, sendo como um porto seguro, que, além de ser o guardião do PPP, da proposta pedagógica da escola, é alguém presente, com quem o grupo pode contar.

Fernando Pessoa, poeta português, nos fala sobre o “Dever de sonhar”, afirmando que

Eu tenho uma espécie de dever, dever de sonhar,  
de sonhar sempre,  
pois sendo mais do que um espetáculo de mim mesmo,  
eu tenho que ter o melhor espetáculo que posso.  
E, assim, me construo a ouro e sedas, em salas supostas, invento palco, cenário para viver o meu sonho  
entre luzes brandas e músicas invisíveis.

Acreditamos que o coordenador pedagógico tem um papel fundamental nesse grande palco que é a escola e para que o espetáculo seja realmente um sucesso. Este espetáculo que deveria ser resultado de um trabalho coletivo, de reflexão conjunta e, por isso, não será uma representação momentânea, mas criará, de fato, raízes. Cabe ao coordenador sonhar, sonhar sempre, no entanto, também dar o suporte necessário a esses atores (educadores), auxiliar a criar o cenário, participar efeti-

vamente também como protagonista, para que possa dizer a cada dia que estão se empenhando para, juntos, realizarem o melhor espetáculo, a melhor obra!

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para finalizar, destacamos um excerto do texto de uma das professoras para refletirmos e pensarmos que as sementes foram lançadas e que a semeadora, aqui, quer continuar a cultivá-las:

Ainda não sou professora. Vou me tornando mais professora. Vou me tornando mais professora a cada dia, a cada ano que se inicia, com cada aluno que chega na minha sala. Assim, vou me construindo, no constante refletir e refazer da minha prática. Ser professora é saber-se nunca pronta, mas em constante processo! (Professora verde-clara).

Partindo dessas reflexões, podemos perceber que, se queremos uma escola reflexiva, podemos utilizar o registro como uma possibilidade para que isso ocorra. Registro não simplesmente pelo mero registro, mas com o intuito de pensar, refletir, inovar, pesquisar, dar voz às narrativas presentes em nossa escola todos os dias. Que possamos ver o registro também como um apoio, como momento de escuta, como planejamento, como norte para traçar metas e novas possibilidades! Registro para dar sentido ao que penso e ao que sinto!

Assim, podemos destacar que estaremos, de fato, (re)construindo narrativas, narrativas estas que registram

um pouco da história de cada profissional, da história de uma escola, narrativas que estarão produzindo sentidos à prática docente.

## REFERÊNCIAS

- ALARCÃO, Isabel. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. São Paulo: Cortez, 2004.
- CORTELLA, Mario Sergio. **Qual é a tua obra?: inquietações propositivas sobre gestão, liderança e ética**. Petrópolis: Vozes, 2012.
- MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti et al. **Escola e aprendizagem da docência: processos de investigação e formação**. São Carlos: EdUFSCar, 2002.
- OLIVEIRA, Rogério de Castro. **Descobre-se o que existe, inventa-se o que não existe**. In: BECKER, Fernando; MARQUES, Tania Beatriz Iwasko (Org.). **Ser professor é ser pesquisador**. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2010. p. 21-27.
- PESSOA, F. **Livro do Desassossego**, por Bernardo Soares. São Paulo: Montecristo, 2012.
- PLACCO, Vera Maria de Souza et al. **Aprendizagem do adulto professor**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.
- WARSCHAUER, Cecília. **A roda e o registro: uma parceria entre professor, alunos e conhecimento**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.
- ZABALZA, Miguel A. **Diários de aula: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional**. Porto Alegre: Artmed, 2004.